

**A SOCIEDADE INTERNACIONAL GRAMSCI
E A DIFUSÃO DE GRAMSCI NO MUNDO**

*Gramsci's international society
and the spread of Gramsci around the world
La società internazionale di Gramsci
e la diffusione di Gramsci nel mondo*

Guido Liguori¹

RESUMO

Relato útil e estimulante das origens, do nascimento e dos primeiros anos de uma organização cuja história está intimamente ligada à crescente expansão mundial de Gramsci, nos anos em que seu legado teórico "começou a ultrapassar o círculo de intelectuais e militantes comunistas em alguns países, especialmente na Europa".

PALAVRAS-CHAVE: Antonio Gramsci, Sociedade Internacional Gramsci, IGS.

ABSTRACT

A useful and stimulating account of the origins, birth and early years of an organization whose history is closely linked to Gramsci's growing worldwide expansion, in the years when his theoretical legacy "has began to go beyond the circle of communist intellectuals and militants in some countries, especially in Europe".

KEYWORDS: Antonio Gramsci, International Gramsci Society, IGS.

RIASSUNTO

Un utile e stimolante resoconto delle origini, della nascita e dei primi anni di un'organizzazione la cui storia è strettamente legata alla crescente espansione mondiale di Gramsci, negli anni in cui la sua eredità teorica "cominciò ad andare oltre la cerchia degli intellettuali e dei militanti comunisti in alcuni Paesi, soprattutto in Europa".

PAROLE CHIAVE: Antonio Gramsci, International Gramsci Society, IGS.

INTRODUÇÃO²

Gostaria com este artigo não apresentar uma história completa da Sociedade Internacional Gramsci (IGS), mas sim fornecer um testemunho, espero que seja útil para uma “história” a ser feita, nos primeiros anos de vida desta associação, tanto quanto posso dizer, como testemunha direta (pelo menos a partir de um certo ponto) de seus eventos, e

¹ Professor de história do pensamento político na Universidade da Calábria e, atualmente, é presidente da International Gramsci Society Italia (IGS Italia).

² Texto original em italiano traduzido por Maria Margarida Machado.

com a ajuda das notícias obtidas principalmente de seu “boletim informativo” que - em formato de papel -, constituiu sua marca especialmente nos anos 1990, quando a disseminação dos computadores pessoais e da Internet ainda estava em seus estágios iniciais; assim como outras notícias deduzidas de volumes, anais de conferências e websites.

Falar da IGS, por outro lado, também implica referir-se à fortuna mundial de Gramsci, quando ele começou a ir além do círculo de intelectuais e militantes comunistas em alguns países, especialmente na Europa. Dos quais começou a haver uma percepção crescente no final dos anos 1980.

1. Desde as primeiras conferências organizadas pela Fundação Gramsci por ocasião do décimo aniversário da morte do grande pensador, houve relatos e discursos dedicados à difusão de seu conhecimento fora da Itália, a princípio sobretudo nos “países socialistas” ou por membros ou simpatizantes comunistas em alguns outros países. Este foi o caso, em primeiro lugar, na conferência de Roma de 1958, no primeiro vigésimo aniversário da morte de Gramsci³. Dez anos depois, na conferência de Cagliari em 1967, a situação já havia mudado (para melhor): não só havia uma seção inteira da conferência dedicada à *Difusão internacional do pensamento de Gramsci*⁴, mas também alguns palestrantes e intervenções sobre diversas realidades nacionais foram de não italianos: estudiosos proeminentes, ou estudiosos que se tornariam tais, de Haupt a Texier, de Fetscher a Stuart Woolf, e outros, participaram do debate ou apresentaram comunicações sobre aspectos específicos da vida ou do pensamento de Gramsci⁵.

Dez anos mais tarde, em Florença⁶, em 1977, o inglês E. Hobsbawm foi um dos

³ Cfr. os discursos de G. Moget (França), E. Hobsbawm (Inglaterra), G. D. Obickin (União Soviética), A. Schreiner (República Democrática Alemã), D. Barta (Tchecoslováquia) e B. Zihlerl (Iugoslávia), todos em Instituto Gramsci, *Studi Gramsciani*, anais da conferência que ocorreu em Roma de 11 a 13 de janeiro de 1958, Roma, Editori Riuniti, 1958.

⁴ Cfr. P. Rossi (ed.), *Gramsci e la cultura contemporanea*, anais da conferência internacional sobre estudos de Gramsci realizada em Cagliari de 23 a 27 de abril de 1967, Roma, Editori Riuniti, 1969, vol. II, pp. 371-451. II, pp. 371-451. Com textos de J. Texier (França), J. Solé-Tura (Espanha), E. Brissa (República Federal da Alemanha), C. F. Misiano e E. Ambartsumov (União Soviética), V. Mikecin (Iugoslávia), T. Huszar (Hungria), I. Yamazaki (Japão).

⁵ Cfr. idem, volumes I e II.

⁶ Os anais em F. Ferri (organizador), *Política e storia in Gramsci*, 2 volumes, Roma, Editora Riuniti, 1977 e 1979.

cinco oradoras principais, a francesa Christine Buci-Glucksmann (autora de um livro de considerável impacto internacional, incluindo a Itália⁷) estava entre as principais luzes do encontro, e outros estudiosos e estudiosas (incluindo Donald Sassoon e Anne Showstack) participaram plenamente. Nos anos 1970, Gramsci havia “atravessado” em nível internacional, e eram muitas suas traduções em vários idiomas, e monografias publicadas no exterior, frequentemente traduzidas até mesmo na terra natal de Gramsci⁸.

Entre os anos 1970 e 1980, no entanto, houve um “duplo movimento” extremamente significativo. Mesmo antes do fim da União Soviética e de muitos dos países do “socialismo real”. Por um lado, na Itália, o país que até aquele momento havia sido certamente o mais presente na bibliografia secundária sobre o autor sardo, Gramsci estava passando por uma década de “luzes apagadas”⁹, de escassa fortuna, devido sobretudo à prevalência - na batalha pela hegemonia - de novos paradigmas culturais, desligados do marxismo e da tradição comunista, na própria esquerda (culminando então com a “morte do PCI”¹⁰). Por outro lado, a fortuna de Gramsci cresceu quase exponencialmente fora da Itália e, em certa medida, da Europa.

Uma primeira pista nesta direção foi uma conferência realizada em Ferrara de 11 a 13 de setembro de 1986, organizada pelo Instituto Gramsci de Ferrara, sobre “As transformações políticas da América Latina: a presença de Gramsci na cultura latino-americana”. Estiveram presentes, com alguns estudiosos italianos, incluindo Nicola Badaloni, importantes estudiosos latino-americanos, incluindo os argentinos José Aricó e Juan Carlos Portantiero, os brasileiros Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurelio Nogueira e os mexicanos Arnaldo Cordova e Nestor Garcia Canclini¹¹.

Em fevereiro de 1987 um número monográfico de *Contemporaneo*, suplemento de *Rinascita*, saiu com o título *1937-1987 Gramsci nel mondo*, que chamou a atenção não

⁷ Cfr. Buci-Glucksmann, *Gramsci e lo Stato* [1975], Roma, Editora Riuniti, 1976.

⁸ Discuti algumas dessas obras no meu livro *Gramsci contestato. Interpretazioni, dibattiti, polemiche 1922-2012* (1ª ed.: 1996, obviamente limitada àquele ano), Roma, Editora Riuniti, 2012.

⁹ Idem, p.273 e seguintes.

¹⁰ Cfr. G. Liguori, *A morte do Pci*, publicado recentemente pela Boitempo de São Paulo (ed. origem: Roma, Carocci, 2009).

¹¹ Cfr. as contribuições de Badaloni (contendo também informações sobre a conferência), Aricó e Coutinho em *Critica marxista*, 1985, nº 5; e C. N. Coutinho, M. A. Nogueira (organização e tradução), *Gramsci e a América Latina*, São Paulo, Editora Paz e Terra, 1988, contendo os relatos de Badaloni, Aricó, Portantiero, Canclini, Cordova, Coutinho e Nogueira.

só pela quantidade e qualidade dos autores envolvidos¹², mas também porque em seu artigo Eric Hobsbawm divulgou um fato relevante que imediatamente pareceu marcante - e que se tornaria ainda mais no futuro. De fato, o grande historiador inglês escreveu: “A lista de autores de todo o mundo cujas obras são mais frequentemente citadas na literatura internacional da arte e da humanidade contém apenas alguns nomes italianos, dos quais apenas cinco nasceram após o século XVI. Nesta lista não estão incluídos, por exemplo, nem Vico, nem Maquiavelli, enquanto Antonio Gramsci é citado¹³”. Um fato extraordinário, portanto, que de certa forma deu início a um novo momento de atenção à circulação mundial de Gramsci.

A revista incluiu, entre outros, dois estudiosos que ensinavam nos Estados Unidos e que eram então essencialmente desconhecidos no país de Gramsci: J. Buttigieg e J. Cammett, que com Frank Rosengarten fundariam pouco depois a Sociedade Internacional Gramsci em Nova York.

A Fundação Gramsci de Roma promoveu em 1989, em Formia (onde Gramsci havia passado seu primeiro numa clínica de 1933 a 1935) o primeiro encontro internacional com o objetivo específico de um reconhecimento da difusão de Gramsci no mundo. Participaram cerca de trinta estudiosos de praticamente equivalentes países e áreas linguísticas culturais¹⁴. Em Ferrara eu já tinha conhecido Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurelio Nogueira. Em Formia, muitos laços foram renovados e novos foram feitos, inclusive para mim aqueles - fundamentais - com Carlos Nelson Coutinho e Joseph A. Buttigieg.

¹² O suplemento de nº 8 da *Rinascita*, de 8 de fevereiro de 1987, abriu efetivamente as comemorações do quinquagésimo aniversário da morte de Gramsci. Continha artigos de G. Chiarante (que editou o semanário), E. Altvater, C. Barère, F. Fernández Buey, J. Buttigieg, J. Cammett, I. Fetscher, P. Glotz, S. Hall, E. Hobsbawm, G. Vargas Llozano, A. Showstack Sassoon, T. Szabo, A. Tosel e G. Vacca.

¹³ E. Hobsbawm, *Per capire le classi subalterne*, em *Rinascita – Il contemporaneo*, de 28 de fevereiro de 1987, p.23

¹⁴ Cfr. M. L. Righi (Organizadora), *Gramsci nel mondo. Atti del convegno internazionale di studi gramsciani*. Formia, de 25 a 28 de outubro de 1989, Roma, Fundação Instituto Gramsci e Região Lazio - Departamento de cultura, 1995.

2. Durante a conferência de 1989 em Formia, foi apresentada uma versão inicial da Bibliografia Gramsciana preparada pelo historiador estadunidense John Cammett¹⁵, um trabalho que, mais do que qualquer outro, forneceu uma fotografia de quanto se expandiu o conhecimento e o estudo de Gramsci em muitas áreas geoculturais.

Também foi apresentado um projeto de associação internacional para estudiosos e entusiastas de Gramsci, proposto por três estudiosos residentes nos Estados Unidos, Joseph Buttigieg (de origem maltesa), o próprio John Cammett (autor da primeira monografia estadunidense dedicada à Gramsci) e Frank Rosergarten (excelente tradutor e estudioso da cultura italiana): a Sociedade Internacional Gramsci (IGS). À proposta formulada na época aderiram muitos estudiosos de todo o mundo e a própria Fundação Instituto Gramsci¹⁶. O presidente *honorário* foi nomeado Valentino Gerratana.

Da Sociedade Internacional Gramsci, porém, o verdadeiro animador sempre foi Joseph (Joe) Buttigieg¹⁷. Durante vários anos, de 1992 a 2005, ele pacientemente redigiu e distribuiu, quase sozinho, um pequeno boletim anual impresso, em italiano e inglês¹⁸, a

¹⁵ Cfr. J. M. Cammett (organizador), *Bibliografia gramsciana 1922-1988*, prefácio de N. Badaloni, Roma, Editora Riuniti, 1991. O volume contém 7000 títulos de escritos sobre Gramsci em dezenas de línguas. A bibliografia mais tarde se tornou uma valiosa ferramenta online editada por F. Giasi e M. L. Righi, que pode ser consultada no site da Fundação Gramsci (www.fondazionegramsci.org).

¹⁶ Cfr. J. Cammett, J. Buttigieg, F. Rosergarten, *Proposta per la creazione di una «International Gramsci Society»*, in *IG Informazioni, trimestrale a cura della Fondazione Istituto Gramsci di Roma*, 1989, n. 4, pp. 123-128. E *Dichiarazione di intenti per la costituzione di una associazione internazionale «Antonio Gramsci»*, *idem*, 1990, n. 1, pp. 91-93. Houve também um novo ato de fundação da associação, com notário italiano, com a participação de representantes da Fundação Gramsci, que quis ser parte ativa da iniciativa. Contudo, devido aos contrastes que se seguiram à chamada “virada de Bolonha” e à mudança de nome do PCI (cf. supra, nota 8), contrastes que atravessaram a mesma comunidade internacional de estudiosos de Gramsci, a IGS e a Fundação Gramsci funcionaram separadamente por muito tempo, restabelecendo relações colaborativas frutíferas apenas em meados da primeira década do século XXI, por iniciativa de Giuseppe Vacca (diretor de longa data e depois presidente da Fundação) e Giorgio Baratta (fundador e presidente da IGS Itália).

¹⁷ Sobre Buttigieg cfr. S. Cingari, E. Terrinoni (organizador), *Gramsci in inglese. Joseph A. Buttigieg e la traduzione del prigioniero*, Milão, Mimesis, 2022. E, em particular, sobre alguns dos acontecimentos aos quais também regresso neste escrito, o meu *Note sulla presenza di Joseph A. Buttigieg nella cultura italiana*, *idem*, pp. 21-36.

¹⁸ Um total de 15 edições foram publicadas. O primeiro é chamado simplesmente *International Gramsci Society Bollettino*, sm março de 1992, n. 1. A partir do número seguinte assume a denominação que terá até seu fim: *International Gramsci Society Newsletter*, dos quais saíram os seguintes números: março de 1993, n. 2; Março de 1994, n. 3; Abril de 1995, n. 4; Novembro de 1995, n. 5; Agosto de 1996, n. 6; Maio de 1997, n. 7; Maio de 1998, n. 8; Março de 1999, n. 9; Março de 2000, n. 10; Dezembro de 2000, n. 11; Fevereiro de 2002, não. 12; Maio de 2003, não. 13; Dezembro de 2004, não. 14; Junho de 2005, n. 15.

partir do nº 2, chamado *Gramsci Society Newsletter*, tirando um tempo precioso de suas muitas tarefas e trabalhos para escrevê-lo e até mesmo envelopá-lo em grande parte pessoalmente, e depois enviá-lo aos membros - e não só. Até o momento em que foi substituído por uma lista de discussão da IGS e pelo site (www.internationalgramscisociety.org) editado por Marcus Green, que deu uma importante ajuda a Buttigieg para a difusão de notícias sobre a IGS e em geral para a sua organização.

O boletim continha atualizações bibliográficas, notícias, índices e resenhas de muitos livros, sobre conferências ou mesmo cursos universitários sobre Gramsci, em muitos países, dos quais Joe solicitava e havia notícias de parte dos membros da IGS. Qualquer coisa que de maneiras diferentes se referia a figura e o pensamento de Gramsci, encontrava seu caminho nas fotocópias que compunham o boletim, enviadas aos membros da IGS e estudiosos de Gramsci em todo o mundo. O *Newsletter*, no qual Buttigieg foi listado como editor¹⁹, foi por muito tempo o principal meio de comunicação entre os estudiosos da Gramsci em todo o mundo, em anos em que os websites e até mesmo a comunicação por e-mail estavam longe de ser tão difundidos como são hoje.

Pelo editorial do primeiro número, assinado por Buttigieg, ficamos sabendo que a primeira reunião pública organizada pela IGS ocorreu em Nova Iorque em abril de 1991; e que, dos primeiros 60 membros, a maioria era da Itália e dos Estados Unidos, mas também havia membros da Espanha, Alemanha, Hungria, Grécia e Grã-Bretanha, enquanto foram solicitados adesões de novos membros da América Latina, Ásia e África²⁰.

Além de uma atualização em andamento da *Bibliografia gramsciana* de Cammett, uma lista de cursos e teses universitárias sobre Gramsci, notícias sobre várias conferências e uma lista de “materiais audiovisuais sobre Gramsci” (e mais tarde sites dedicados ao pensador sardo), também é possível aprender com a *IGS Newsletter* sobre a primeira estrutura da Associação: presidente honorário Valentino Gerratana, comitê provisório

¹⁹ Nos primeiros números Fabio Frosini também foi indicado como correspondente da Europa, enquanto posteriormente Guido Liguori e depois Marcus Green aparecem como coeditores.

²⁰ J. A. Buttigieg, *Editoriale*, in *International Gramsci Society Bollettino*, Março de 1992, n. 1, pp. 1 a 3.

composto por John Cammett (presidente), Giorgio Baratta (vice-presidente), Frank Rosengarten (vice-presidente), Joseph Buttigieg (secretário).

Joe foi durante muito tempo o “secretário da IGS”, o papel então verdadeiramente operacional da Associação, que ele foi capaz de levar gradualmente a uma presença muito mais ampla do que no início. Mais tarde, ele se tornou seu presidente e continuou a ser seu principal ponto de referência. Seu departamento universitário, o Departamento de Inglês da Universidade de Notre Dame, foi seu centro irradiador.

No Japão, em 1994, foi fundada a primeira “seção local” da Associação, a Sociedade Gramsci de Quioto²¹. Na Itália, em 1995, principalmente graças a Giorgio Baratta e Aldo Tortorella, nasceu a idéia de uma “seção nacional” semelhante da IGS²². *O Apelo para a criação de uma Sociedade de Estudos Gramscianos na Itália (IGS Italia)* apareceu no Boletim Informativo nº 5 de 1995²³ e a notícia de sua criação no número seguinte²⁴.

3. A constituição da IGS Itália terá como primeira consequência direta a possibilidade de organizar de 16 a 18 de outubro de 1997 em Nápoles, sediado pelo Palazzo Serra di Cassano e com a ajuda do Instituto Italiano para Estudos Filosóficos, o primeiro congresso internacional e o primeiro congresso mundial da IGS²⁵. O congresso

²¹ Cfr. *Gramsci in Japan: The Kyoto Gramsci Society*, in *International Gramsci Society Newsletter*, Março de 1994, n. 3, pp. 22-26.

²² Cfr. G. Baratta, *Leggere Gramsci, leggere la realtà. Idee ipotesi per la costituzione della sezione italiana della International Gramsci Society*, in *International Gramsci Society Newsletter*, Abril de 1995, n. 4.

²³ Cfr. *IGS Italia. Appello per la costituzione di una Società per gli studi gramsciani in Italia*, in *International Gramsci Society Newsletter*, Novembro de 1995, n. 5, pp. 37-38. *L'Unità* também deu conhecimento disso, publicando “uma extensa entrevista concedida a Guido Liguori por Joseph Buttigieg”, conforme relatado pelo *International Gramsci Society Newsletter*: idem, p. 39.

²⁴ Cfr. *È nata la IGS Italia*, na *International Gramsci Society Newsletter*, agosto de 1996, n. 6, p. 27. No texto ficamos sabendo que a primeira assembleia de fundação da associação, realizada em Nápoles em 16 de dezembro de 1995, elegeu uma comissão diretora provisória formada por Valentino Gerratana (presidente), Giorgio Baratta (vice-presidente), Guido Liguori (secretário), Serena Di Giacinto e Aldo Tortorella.

²⁵ Cfr. *IGS International Conference. Nápoles – Outubro de 1997*, no *International Gramsci Society Newsletter*, Maio de 1998, n. 8, pp. 2-4, e G. Baratta, *Gramsci da un secolo all'altro*, idem, pp. 32-33. Os relatórios da conferência foram coletados em volume: *International Gramsci Society, Gramsci da un secolo all'altro*, organizado por G. Baratta e G. Liguori, Roma Editori Riuniti, 1999. Contribuíram com G. Baratta, L. Castellina, T. De Mauro, R. Finelli, D. Jervolino, S. Kébir, G. Liguori, D. Losurdo, A.

- que como também se manteve depois, foi bastante informal (alguns foram então lembrados, na forma como foram conduzidos, os congressos da Primeira Internacional, mas a comparação tinha a intenção de ser autodepreciativa, um dote que felizmente ao “grupo dirigente” da IGS nunca faltou) - confirmará Gerratana presidente (seu papel foi sempre honorário, embora ele o aceitasse de bom grado por amizade e estima por aqueles que o pediram, tanto por sua idade avançada como pela natureza tímida do grande estudioso) e nomeou um Comitê Diretor composto por Giorgio Baratta, Carlos Nelson Coutinho, Alastair Davidson, Hiroshi Matsuda, Frank Rosengarten, Joseph A. Buttigieg (Secretário) e John Cammett (Bibliógrafo).

A Conferência-Congresso de Nápoles também teve uma grande repercussão para o Brasil. Foi a ocasião que trouxe a reunião de três militantes políticos e amigos de longa data, um grupo já cimentado no passado por seu interesse no comunismo democrático italiano e, portanto, principalmente em Gramsci: Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurelio Nogueira e Luiz Sergio Henriques. A impressão causada por esse encontro de estudiosos de Gramsci de todo o mundo levou Carlos Nelson a colocar a hipótese de uma nova tradução e edição dos textos de Gramsci, principalmente dos *Cadernos do Cárcere*, de cuja possibilidade convenceu também os outros dois. Assim nasceu a edição dos *Cadernos do Cárcere* e outros escritos gramscianos, publicados de 1999 a 2006 pelas edições da Civilização Brasileira. Não foi uma tradução completa dos *Cadernos* - e sobre isto Carlos Nelson anos depois foi fazer (em conversa comigo, uma das tantas da nossa bela amizade) com sua habitual honestidade intelectual, uma sincera autocrítica, admitindo que os *Cadernos* teriam que ser traduzidos na íntegra para poder entrar no laboratório gramsciano. Ele mesmo não acreditava, a princípio, que uma tal edição integral teria uma editora e, sobretudo, um público para apoiar suas vendas, enquanto alguns anos depois, à medida que a sorte de Gramsci crescia no Brasil, ele admitiu que seria possível e seria especialmente útil para todos aqueles que não liam bem o italiano.

Uma etapa desta fortuna crescente dos estudos gramscianos no Brasil foi sem dúvida a Conferência-Congresso do IGS realizada no Rio de Janeiro em 2001, graças

Tortorella, R. Zangheri (Itália), J.A. Buttigieg (Estados Unidos, F. Rosengarten), C. N. Coutinho (Brasil), A. Davidson (Austrália) W. F. Haug (Alemanha), H. Matsuda (Japão), A. Tosel (França).

principalmente ao próprio Carlos Nelson e a Andréa de Paula Teixeira, que também editaram os anais²⁶. O encontro no Rio foi muito agradável e com boa participação. Todos os convidados estrangeiros, vindos de várias partes do mundo, conheceram o formato da conferência brasileira e ficaram admirados pela grande participação do público e pela riqueza dos debates.

As posições da IGS foram substancialmente confirmadas pelo 2º Congresso Internacional da Associação, os órgãos dirigentes foram de fato ampliados, com o método de cooptação amigável - sempre em vigor na IGS graças ao espírito fraterno que animou e anima seu "quadro ativo". Porque a IGS nunca foi uma associação "política", mas um lugar de intercâmbio cultural aberto a todos os componentes antifascistas comprometidos com o estudo e a difusão do pensamento de Gramsci. Como prova deste "espírito gramsciano", não foi eleita uma nova presidência, mas uma ampla coordenação das diferentes áreas geo-culturais, com a tarefa de acompanhar Joseph Buttigieg (secretário confirmado)²⁷.

Com o novo milênio, os estudos gramscianos no Brasil - já ricos em autores, autoras e livros de indubitável valor e interesse - começaram a crescer exponencialmente, mesmo além dos setores universitários tradicionais (Pedagogia e Serviço Social) nos quais já estava presente há muito tempo. Gramsci não só se tornou cada vez mais presente no Brasil nos anos 1990 e nos anos 2000 em campos de estudo como Ciência Política, Filosofia, História, etc., mas também manteve uma certa presença no debate público, nos jornais, na contenda política, embora talvez menos do que no passado: uma presença mais superficial diminuiu, mas aumentava um conhecimento mais profundo do grande

²⁶ Cfr. *Rio de Janeiro 2001. 2º Convegno-Congresso della IGS, na International Gramsci Society Newsletter*, Fevereiro de 2002, n. 12, pp. 3-4, onde notamos também a presença de membros da Argentina, Austrália, Brasil, Cuba, Alemanha, Japão, Itália, México, Holanda, Reino Unido, Romênia, Espanha, Estados Unidos. Alguns dos relatórios e discursos foram publicados pela International Gramsci Society, *Ler Gramsci, entender a realidade*, organização e apresentação: C. N. Coutinho e A. de Paula Teixeira, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. O volume contém as contribuições de C. N. Coutinho, M. A. Nogueira, G. Semeraro, I. Simionato (Brasil), G. Baratta, R. Finelli, G. Liguori, R. Medici, A. A. Santucci (Itália), J. A. Buttigieg, D. Germino, B. Fontana (USA), K. Ohara, H. Matsuda (Japão), D. Campione (Argentina), S. Kebir (Alemanha), D. Kanoussi (México), J. Lester (Reino Unido), F. Fernandez Buey (Espanha).

²⁷ Da coordenação fizeram parte G. Baratta, D. Campione, C. N. Coutinho, F. Fernandez Buey, L. S. Henriques, D. Kanoussi, S. Kebir, J. Lester, G. Liguori, H. Matsuda, K. Ohara, G. Stoica.

intelectual italiano. Em certa medida, a IGS também contribuiu para este *boom*, mas, sobretudo, foi a IGS que se beneficiou do grande empenho e das notáveis contribuições vindas do Brasil, fatores que, embora muito lentamente, começaram a ser conhecidos nos círculos internacionais.

4. O próximo encontro internacional da IGS foi organizado na Sardenha, pela primeira vez na terra de Gramsci, em maio de 2007. Na Conferência-Congresso mundial da IGS realizado naquele ano em Cagliari e especialmente em Ghilarza, a participação organizada de estudiosos e estudantes (também graças às bolsas concedidas a jovens de vários países) foi extremamente elevada²⁸ - pelo menos quando comparada ao contexto italiano.

Ao mesmo tempo que a conferência, o 3º Congresso Mundial da IGS também foi realizado na Sardenha, apresentado por Buttigieg. Eric Hobsbawm foi nomeado como novo presidente honorário da Associação e Buttigieg como seu presidente interino, assistido por Marcus Green (secretário) e um grupo de acadêmicos (Baratta, Durante e Liguori pela Itália, Coutinho pelo Brasil, Davidson pela Austrália, Kanoussi pelo México, O'hara pelo Japão) representando os vários países onde a IGS estava mais enraizada²⁹. Esta era, como se pode ver, ainda uma presença limitada. Em muitos outros países, havia de fato estudiosos em contato contínuo com a IGS, mas não eram muitos os que estavam organizados nacionalmente. Em 2011, não foram encontrados os recursos necessários para realizar um encontro internacional que também pudesse ser um momento coletivo de reflexão suficientemente grande para ser um evento significativo para a IGS: foi decidido olhar para 2017, o 80º aniversário da morte do pensador marxista. Em 2015, porém, houve um grande evento: a fundação da IGS Brasil, que aconteceu no Rio de Janeiro no auge da reunião de 27-29 de maio, intitulada “Seminário estudos de Gramsci”.

²⁸ Um relato bastante extenso da reunião e do debate está em A. Errico, E. Forenza, C. Meta *III Convegno IGS: Antonio Gramsci, un sardo nel “mondo grande e terribile”*, publicado no site da IGS Italia em abril de 2021 (<https://www.igsitalia.org/attivita-igs/convegna-igs/43-speciale-iii-convegno-igs>). No mesmo ano houve outro encontro internacional, organizado em Roma pela IGS em conjunto com a Fundação Gramsci, sobre o tema dos estudos culturais, estudos subalternos e estudos pós-culturais. Os procedimentos estão em G. Schirru (editado por) *Gramsci, le culture e il mondo*, Roma, Viella, 2009.

²⁹ Cfr. <https://www.igsitalia.org/associazione/attivita/303-iii-congresso-della-igs-italia>. (acesso em 9 de abril de 2021).

Para a construção de uma IGS Brasil". Infelizmente, nesse meio tempo, houve a morte prematura e dolorosa, em setembro de 2012, de Carlos Nelson Coutinho, um verdadeiro mestre dos estudos gramscianos brasileiros. No entanto, não faltaram os ilustres estudiosos Gramsci, tão numerosos no Brasil como penso que em nenhum outro lugar do mundo. No final da conferência, foi realizada a Assembleia de fundação da IGS Brasil, da qual Giovanni Semeraro foi eleito presidente. Ele será sucedido em 2017 por Marcos Del Roio, em 2019 por Gianni Fresu e em 2022 por Anita Schlesener.

Entre os objetivos que a IGS brasileira se propôs no Rio estava a idéia de sediar o encontro internacional da IGS mundial em 2017. E assim foi. Na verdade, naquele ano houve vários eventos internacionais que estavam total ou parcialmente relacionados à nossa Associação: o primeiro foi em Roma, de 18 a 20 de maio, promovido pela Fundação Gramsci e pela IGS Itália a partir da experiência dos Seminários sobre Hegemonia que Fabio Frosini estava realizando em Urbino. Trata-se da conferência sobre “Hegemonia e Modernidade. O pensamento de Gramsci na Itália e na cultura internacional”³⁰. Em outubro ocorreu outro em Bari, sobre “Gramsci, a Guerra e a Revolução. Entre oriente e ocidente” (16 a 18 de novembro), novamente organizado pela IGS Itália e pela Fundação Gramsci. Mas o evento mais relevante de 2017, para a Associação, foi o que aconteceu em Campinas: a 4ª Conferência-Congresso da IGS, organizada por Álvaro Bianchi de 22 a 25 de agosto de 2017, que contou com a presença de muitos estudiosos e estudiosas de muitos lugares diferentes do Brasil, mas também de membros da IGS da Argentina, Colômbia, Itália, México, Reino Unido e Estados Unidos.

Em Campinas Buttigieg me propôs que assumisse seu lugar como presidente da Associação. Recusei, aceitando ser vice-presidente da IGS (já sendo presidente da IGS Italia), insistindo especialmente que Joe continuasse como presidente pleno, e não apenas honorário, como ele havia solicitado: ele era o último dos três fundadores ainda vivo, um ponto de referência, uma personalidade conhecida e apreciada em todo o mundo (graças à sua incansável atividade). Talvez a doença que levaria à sua morte em janeiro de 2019 já estivesse se fazendo sentir, sob a forma de fadiga. Ninguém poderia ter previsto um

³⁰ Cfr. os anais em F. Frosini e F. Giasi (organizadores), *Egemonia e modernità. Gramsci in Italia e nella cultura internazionale*, Roma, Viella, 2019.

fim tão triste. Com Joe Buttigieg faleceu o último criador da IGS, como já haviam falecido John Cammett e Frank Rosengarten, Giorgio Baratta e Carlos Nelson Coutinho, Valentino Gerratana e Eric J. Hobsbawm, e tantos outros estudiosos, amigos e camaradas que haviam participado pessoalmente do crescimento da Associação com suas atividades ou com seu prestigioso apoio.

A Assembleia da IGS realizada por ocasião da reunião de Campinas³¹ decidiu, entre outras coisas, convocar a promoção, sempre que possível, de “seções nacionais” ou por áreas geoculturais da Associação; incentivar a formação de escolas de formação gramscianas nos diferentes países para formar as gerações mais jovens; promover na Itália a 5º Conferência-Congresso Internacional, em 2021, ano do 130º aniversário do nascimento de Gramsci, tornando-o um momento da maior representação possível da difusão dos estudos gramscianos e da IGS

5. Os anos seguintes foram caracterizados, como sabemos, pela terrível pandemia mundial que dificultou as viagens e as reuniões. No final de setembro de 2021, porém, conseguimos realizar nosso quinto encontro internacional em Cagliari, graças à generosa contribuição de tantos estudiosos e entusiastas gramscianos na Sardenha. Tentamos realizar a indicação que havia sido expressa em Campinas por Buttigieg: uma reunião tão representativa quanto possível das diferentes realidades em que Gramsci é estudada no mundo. Graças também ao uso agora generalizado de intervenções de longa distância, devido à prudência também necessária em algumas realidades devido à pandemia, quase trinta países³² foram discutidos na conferência, alguns dos quais nunca estiveram envolvidos na atividade da IGS: da Rússia a Portugal, da Romênia à Grécia, do Líbano à China, Índia, etc. Houve um retorno de Cuba, graças à presença de Isabel Monal, que também tinha estado presente no I Congresso, em Nápoles, em 1997.

³¹ Na ocasião, foi eleita uma nova diretoria/coordenação, composta da seguinte forma: J. Buttigieg (presidente), G. Liguori (vice-presidente), M. Green (secretário), A. Bianchi (Brasil), M. Cortes (Argentina), M. Del Roio (Brasil), L. Durante (Itália), E. Forenza (Itália), F. Frosini (Itália), M. A. Herrera (Colômbia), M. Modonesi (México), K. Ohara (Japão), I. Simionatto (Brasil), P. Thomas (Reino Unido).

³² Uma grande coleção de relatórios no número da *International Gramsci Journal (IGJ)* do verão de 2022.

Na Assembleia da Associação, havia representantes de cerca de 15 realidades nacionais (em 2017, metade: precisamente por esta razão, Buttigieg havia pensado em uma conferência amplamente representativa, como a que realizamos em Cagliari). Foi observado com satisfação que outras IGS nacionais estavam nascendo: depois da Itália, Japão, Argentina, Brasil, Colômbia e México, nasceram seções nacionais da IGS na Espanha e na Catalunha, e estão em andamento trabalhos para criar seções nacionais na França, Áustria e Alemanha. Uma sociedade gramsciana surgiu na Rússia, embora tenha uma vida atrofiada, ainda mais na difícil situação internacional atual.

A diretoria eleita em Campinas foi ampliada. Mais tarde, representantes da IGS na França, Espanha, Catalunha e Áustria se juntaram aos italianos argentinos, brasileiros, colombianos dos EUA e do Reino Unido. E as relações foram fortalecidas com a Sardenha, para nós como sempre um lugar do coração, assim como um local estratégico para o estudo de Gramsci. Em Cagliari, também fui eleito presidente da IGS, sucedendo assim Joseph Buttigieg: um cargo no qual espero demonstrar o mesmo equilíbrio, a mesma maleabilidade e capacidade de compreender as diferentes realidades que compõem a IGS - qualidades que Joe foi capaz de expressar ao mais alto grau e pelas quais todos nós ainda lhe somos gratos. Os membros da diretoria/coordenação de saída também foram confirmados, com a adição de novos amigos e colegas³³.

Após os dois anos difíceis da pandemia, e esperando uma melhoria na situação global, de Cagliari a IGS recomeçou com o mesmo espírito de sempre: um espírito de colaboração, ajuda mútua e ativismo desinteressado com o único propósito de difundir conhecimento e estudo sobre Gramsci pelo mundo, em todas as áreas culturais e linguísticas.

Estou convencido de que, neste contexto, a enorme quantidade de energias e recursos de todos os tipos que existem no Brasil e que também resistiram mesmo a uma conjuntura política extremamente difícil como a que o país está atravessando, são para toda a IGS um enorme reservatório, uma força, um “intelectual coletivo” com o qual

³³ Aos conselheiros anteriores juntaram-se R. Descendre (França), G. Fresu (Brasil), A. Garrido Fernández (Espanha), P. Manduchi (Itália), I. Pohn-Lauggas (Áustria), P. Sotiris (Grécia), F. Zamorano (Catalunha), bem como D. Boothman (diretor do *International Gramsci Journal*) e M. Green, valioso secretário da Associação.

sabemos que podemos contar. Por esta razão, o III Colóquio Internacional Antonio Gramsci da IGS Brasil, que abriu em Goiânia no dia 29 de agosto, foi um evento importante a ser recordado com amizade pela participação, ainda que online.

Recebido em 12 de maio de 2023

Aceito em 13 de agosto de 2023

Editado em novembro de 2023